

AGUSTINA, TRÊS INSTANTES

Mário Cláudio^{1*}

Não me recordo, tantas décadas passadas, do exacto modelo dos sapatos que a romancista calçava. Registo esfumadamente, e num desses lugares da memória que o decurso do tempo enriquece, a imagem de um par de peças pequeninas, azuis e verdes, ou talvez lilases, que não andariam demasiado distanciadas daquelas que a querida Maria Velho da Costa parodiou, taxando-as de inevitavelmente portuenses, e por isso apenas susceptíveis de serem usadas com elegância pela autora de *Os Incuráveis*. Como quer que fossem, e nessa noite de um Verão pós-revolucionário ainda, castigado pela peroração de um académico no auditório de um museu de sobrevivência fugaz, era sobre tais sapatinhos que descia o olhar enlevado de uma Agustina na aparência indiferente ao tema declinado pelo conferencista. Talvez os tivesse ela adquirido na tarde desse mesmo dia, e numa das sapatarias da Rua de Santo António, ou das adjacências do Mercado do Bolhão. E num relance percebi que em semelhante comprazimento num objecto anódino, mas revestido do encanto com que as crianças festejam um inesperado brinquedo, residiria porventura o segredo maior da genialidade da ficcionista. O palestrante não se detinha, investindo entretanto pela grande área das figuras de retórica, e convocando um argumento mais, produzido por uma sumidade da semiótica das Gálias, enquanto ela não desviava os

1 * Pseudónimo de Rui Manuel Pinto Barbot Costa, é natural do Porto e Licenciado em Direito. Ficcionista, ensaísta, poeta e dramaturgo, Mário Cláudio é um dos mais relevantes escritores no cenário contemporâneo das literaturas de língua portuguesa, tendo sido apreciado por críticos e escritores como Agustina Bessa-Luís, Jorge de Sena e Vergílio Ferreira. Celebrado pela crítica e detentor de diversos prêmios, estréia em 1969, com *Ciclo de Cypris* (poesia). A partir daí, sua trajetória inclui obras importantíssimas, sendo objetos de investigação em artigos e ensaios académicos, bem como monografias de licenciatura, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Dentre os seus títulos publicados, encontram-se: *Um Verão Assim* (1974), *As Máscaras de Sábado* (1976), *Amadeo* (1984 – Grande Prémio de Romance e Novela APE/IPLB), *Guilhermina* (1986), *Rosa* (1988) – esses três romances compõem a *Trilogia da Mão* –, *A Quinta das Virtudes* (1990), *Tocata para Dois Clarins* (1992), *As Batalhas do Caia* (1995), *O Pórtico da Glória* (1997), *Peregrinação de Barnabé das Índias* (1998), *Ursamaior* (2000), *Orion* (2003), *Gêmeos* (2004), *Camilo Broca* (2006 – Prémio Fernando Namora), *Boa Noite, Senhor Soares* (2008), *Tiago Veiga – Uma biografia* (2011), *Retrato de Rapaz* (2014 – Grande Prémio de Romance e Novela APE/DGLAB), *Astronomia* (romance autobiográfico, 2015 – Prémio D. Diniz e Grande Prémio Literatura dst), *Os Naufrágios de Camões* (2016), *A Alma Vagueante* (2017 – Grande Prémio de Crónica e Dispersos Literários APE), *Memórias Secretas* (2018) e, mais recentemente, *Triptico da Salvação* (2019).



olhos da boniteza dos sapatos novos. O homem atingiu o fim da arenga, a assistência respirou fundo na antevisão do beberete de vinho branco e canapés, e a escritora, interrompendo a custo a devoção àquele primor em cabedal de boa qualidade, aplaudiu com entusiasmo o discurso, mas sem que alguém acertasse em declarar se o escutara, o entendera, ou simplesmente o ignorara, no charivari que nos molesta o quotidiano. Admito que por recém-estreada, e ainda não afeita ao biótipo de Entre-Douro-e-Minho, enriquecida por algum contributo do campo charro zamorano, uma amostragem assim de fashion pedestre, exibida pela nossa maior senhora das letras, lhe macerasse levemente os tornozelos. Mas nunca se mostraria a prosadora atreita ao queixume das suas mágoas, nem ao arrependimento das suas compras, o que lhe permitia fruir momentos como o que evoco nestas linhas, antídotos do tédio, e inseparáveis da solidão. Creio que me terá ensinado Agustina, e muito para além das flutuantes matérias da escrita, uma vera concepção da amizade, amparada na prática que lhe vai conexas. Refiro-me a esse acendrado horror a frequentações excessivas, dinâmica em que por regra soçobram as vulgares intenções do afecto, e sobretudo as que põem em coexistência aturada os oficiais de cada ofício. Da autora de *As Pessoas Felizes* recolhi a mais exemplar das lições da inoportunidade dos adeptos estrénuos, sempre estouvados em fazerem-nos desprezar os mestres que idolatram, e do desconforto que em geral se respira na exiguidade das sacristias. Aborrecendo os postulantes a acólitos, mais ainda os candidatos a discípulos, e sobremaneira as aspirantes a sacerdotisas, Agustina implanta-se no coração do seu império como mátria vigilante, mas pouco dada ao afago, e como solidária companheira, imune à palavra de gratidão, ou à dádiva propiciatória. E quem nisto vir um sinal de frieza, ou um indício de cinismo, que reflecta duas vezes naquilo que constitui o congestionado ambiente de capela, marcado por entradas e saídas intempestivas, quando não pela letal asfixia de todo o espaço concentracionário. Nunca nela detectei, no entanto, o que se afiguraria consequência natural de tais idiosincrasias, o gesto de impaciência, ou o trejeito de enfado, com que justificadamente reagisse à obstinada presença dos que a apajavam, e nem sequer o constrangimento *tout court*, tão característico dos inseguros. Ali está ela, sorrindo e observando, referendando com o silêncio a patacoada de um émulo, ou aguardando a oportunidade de se despedir dele na serena aspiração a nunca mais o encontrar. Eu diria que a pedagogia que resulta destes comportamentos, os quais tenho procurado imitar, me favorece hoje o enfrentamento da velhice como um regresso à pureza das fontes, e a leitura das pugnas de campanário em que me inscrevi, e em que se debatem agora os que andam a trepar na roda da fortuna, como algo que só por nos divertir escapa à condição da inteira desnecessidade. Já o contei, e não quero cansar-me de o lembrar, sempre que se me depara algum ensejo, porque desse inicial encontro resultaria a consolidação em carne e osso de alguém que me aparecera entretanto como elemento de uma tribo literária comum. Desmobilizado da guerra nas bolanhas da Guiné, aproveitei a oferta de uma amiga de ambos para conhecer Agustina, de quem assimilara já boa soma de títulos. E a mulher que me acolheu na Avenida de Marechal Gomes da Costa no Porto, e numa dessas vivendas que alinhavam pela iconografia arquitectónica mais simpática à classe média alta dos funcionários públicos, cumpridores da cartilha do regime,

quedava-se visivelmente aquém do tipo da *femme savante* egrégia que, inspirado num punhado de fotografias seleccionadas, eu laboriosamente construía. Era de facto uma materfamilias, e se não anódina, a anos-luz da que circulava nas badanas dos seus livros, captada a preto e branco entre a vegetação das dunas de uma praia do Atlântico Norte, ou agasalhada no xailinho de *crochet* de lã que a defendia da agreste brisa que soprava nas ameias de um castelo dos templários. Mas logo a minha atenção, suspensa por momentos do desajuste daquela figura real à invenção que dela eu realizara, se sentiria convocada pelo teor do diálogo que ia decorrendo entre a ficcionista e quem reciprocamente nos apresentara. Falava o meu ídolo, enfim atingido, do medalhão que trazia ao peito, e informava-nos de que topara com ele em Atenas e, conforme àquilo que de imediato conjecturei, numa dessas lojas da Praça Plaka que vende aos turistas miniaturas do Partenon em massa, e estatuetas da deusa de olhos de mocho em mal imitado mármore pentélico. Tratava-se de um pendente vulgar, o de Agustina, mas que o verbo da grande narradora maravilhosamente dignificaria, ao dele porventura se servir como motivo para um desses textos, saturados de caracteres diminutos, que se garantia obedecerem ao intento mais ou menos confessado de economizar papel. Por essa altura a romagem à Hélade constituía obrigatório destino dos escritores portugueses em exercício, de Sophia a Eugénio, e de Natália a uns quantos menores, o que conduziria Sena a comentar com ironia, confessando a própria capitulação diante da moda, “Também na Grécia eu. Custou mas foi. Cheguei depois dos outros.” Ninguém porém, e no meu entender, transportaria mais perfeitamente a reminiscência de tal viagem do que Agustina Bessa-Luís que, nesse cair da tarde, ao tão-só mencionar o normalíssimo artigo de bijuteria, na verdade segredava a meus ouvidos como a primeira, e a última, das pitonisas que, na capital do norte de Portugal, instalara a sua trípode.

Porto, agosto de 2019